

A VARIAÇÃO DIAGERACIONAL: DESIGNAÇÕES PARA O PRODUTO QUE AS MULHERES PASSAM NA BOCHECHA PARA FICAREM ROSADAS DE ACORDO COM OS DADOS DO PROJETO ALiB

Natália Rocha Cardoso¹
Marcela Moura Torres Paim²

RESUMO

Como os mais jovens e mais velhos se referem ao pozinho de cor vermelha que as mulheres passam nas bochechas? Se uma pessoa idosa ou uma jovem fosse comprar esse produto, como pediria ao vendedor? Esse trabalho tem o objetivo de realizar um estudo semântico-lexical, levando em consideração a variação diageracional, baseado nos dados encontrados no Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Será apresentada uma discussão em torno da questão 191 do questionário do ALiB: Como se chama aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas? Seguindo as orientações do ALiB, embasado, por sua vez, na metodologia da pesquisa Geolinguística Pluridimensional, foram feitas as análises quantitativas e qualitativas das respostas dadas por informantes das faixas etárias I e II, dos sexos masculino e feminino, com nível de escolaridade fundamental e universitário. Os entrevistados são residentes naturais das localidades de Guaratinguetá, Itapetininga, Sorocaba, São Paulo, Caraguatatuba, Itararé, Capão Bonito, Itanhaém, Santos, Ribeira, Registro e Cananéia. Ademais, a princípio, essa pesquisa tem como fundamentação teórica a obra de Paim (2019), além de dicionários *online* de língua portuguesa: Caldas Aulete e Michaelis. Dessa maneira,

- 1 Graduada do Curso de Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, natalia.cardoso@ufrpe.br;
- 2 Doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia – UFBA – e professora do Curso de Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, marcela.paim@ufrpe.br.

foi possível identificar as variantes *ruge* e *blush*, estabelecendo as diferenças entre as formas antigas e atuais utilizadas para se referir ao cosmético.

Palavras-chave: Blush, Ruge, Projeto ALiB, Variação diageracional.

INTRODUÇÃO

As escolhas lexicais de uma pessoa dão indícios da identidade do grupo do qual o indivíduo é participante, seja ela de idade, nível de escolaridade, sexo, região, entre outros, pois, conforme Paim (2019, p.11),

todas as relações que se estabelecem com os outros são moldadas pelo meio cultural ao qual cada um pertence, isto é, as percepções, as convicções, os comportamentos, as atitudes e os modos de posicionamento estão impregnados em diferentes arenas culturais às quais os indivíduos pertencem.

Os estudos dialetológicos preocupam-se principalmente em identificar a variação linguística no âmbito geográfico, entretanto, esses estudos têm se modernizado, passando, assim, a aplicar, em sua metodologia, princípios da sociolinguística. De acordo com Paim (2019, p.11):

refletir sobre a linguagem e a identidade social tem sido práticas cada vez mais constantes atualmente, pois as transformações sociais recentes podem levar a escolhas de distintas maneiras de se dizer o mesmo, com o mesmo valor de verdade, num determinado contexto comunicativo.

Dessa maneira, o presente trabalho³ considera não apenas a geografia, mas também os fatores externos que influenciam no falar dos informantes, como sexo, idade, escolaridade etc. Mais especificamente, nesse artigo, será trabalhada a variação diageracional, com o intuito de responder ao seguinte questionamento com relação à questão 191 do questionário semântico-lexical do Projeto Atlas Linguístico do Brasil: “como os mais jovens e mais velhos se referem ao produto que as mulheres passam na bochecha para ficarem rosadas?”. Para tal, foi feito um recorte de doze localidades de São Paulo, parte do projeto desenvolvido por Paim, relativo ao falar paulista. O referido projeto trabalha com as temáticas dos ciclos da vida e de vestuários e acessórios encontradas no questionário do Projeto ALiB. Foram coletadas e analisadas as respostas dadas por cinquenta e um informantes, homens e mulheres com idades entre 18 a 30 anos e 50 a 65, ambos com nível de escolaridade universitária

3 Essa pesquisa faz parte do trabalho realizado no PIBIC sob o financiamento do CNPq. Está inserido em um projeto maior, desenvolvido pela Profa. Dra. Marcela Moura Torres Paim, com relação à temática dos ciclos da vida e de vestuário e acessórios.

e fundamental. A escolha de trabalhar com o item lexical *blush/ruge* foi consequência de perceber a marca temporal presente nas respostas obtidas.

Ainda em tempo, é importante ressaltar que difundir esse conhecimento pode promover a inclusão, eliminando qualquer tipo de estigma e preconceito existente entre os grupos tendo em vista que “[...] os idosos ou velhos, mesmo os idosos mais jovens, podem ser relegados a guetos e muitas vezes ao ostracismo, uma exclusão que pode se iniciar no seio familiar e se estender para outras relações sociais” (PAIM, 2019, p. 27).

O artigo está dividido em quatro momentos. Sendo assim, na primeira seção, será delatada a metodologia aplicada para a realização desse estudo. Em seguida, serão apresentados aos leitores conceitos de variação linguística e variação diageracional. Na terceira, por seu turno, serão feitas as discussões de resultados quantitativos e qualitativos, aliadas às definições dos referentes encontrados em dicionários. Na última parte, irão ser feitos os últimos apontamentos a respeito do trabalho.

METODOLOGIA

A metodologia seguida para a realização deste trabalho foi o da Geolinguística Pluridimensional. Sendo assim, foram realizadas as transcrições grafemáticas, além de análises tanto quantitativas como qualitativas das entrevistas produzidas previamente *in loco* por pesquisadores capacitados e selecionados pelo Comitê do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Dessa maneira, foram analisadas as respostas dadas por 51 residentes das localidades: Guaratinguetá, Itapetininga, Sorocaba, São Paulo, Caraguatatuba, Itararé, Capão Bonito, Itanhaém, Santos, Ribeira, Registro e Cananéia. Esses indivíduos são obrigatoriamente das faixas etárias I e II (18 e 30 anos e 50 a 65 anos), sexos masculino e feminino, com nível de escolaridade fundamental e universitário (na capital) e apenas fundamental (nos demais municípios).

Este estudo de caso foi realizado em torno da questão 191 do questionário semântico-lexical do Projeto ALiB, do campo semântico vestuário e acessórios: “como se chama aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas?” (COMITÊ NACIONAL, 2001, p. 32). Essa questão foi escolhida por apresentar elementos importantes sobre a variação diageracional, em outras palavras, ressalta diferenças entre o falar dos jovens e dos mais velhos.

Esse estudo tem como fundamentação teórica a obra de Paim (2019), que apresenta grandes contribuições para a Dialectologia e para os estudos lexicais, assim como definições encontradas nos dicionários digitais Aulete e Michaelis.

REFERENCIAL TEÓRICO

A língua é dinâmica e heterogênea. Em cada lugar do Brasil, assim como entre grupos de diferentes faixas etárias, gêneros, sexos e escolaridade, encontramos formas distintas de se nomear objetos, comidas, animais, partes do corpo humano, entre outras coisas. Esse fenômeno é chamado de variação linguística. Segundo Paim (2019, p.29, grifo da autora)

Tudo é diverso no universo. Inclusive, os usos da língua. Em todas interações, os usuários da língua convivem com a variação, que é uma propriedade inerente a qualquer língua (viva) e pode observar-se quer sincronicamente, manifestando-se quer como diversidade dialetal ou sociolinguística, quer historicamente, revestindo, então, a feição de mudança linguística.

Para Paim (2019, p. 40) “a língua pode variar em muitos aspectos”. As escolhas lexicais que os usuários da língua fazem são influenciadas por fatores externos tais como: o lugar onde esse indivíduo vive ou viveu a maior parte de sua vida, o acesso que o mesmo teve à escolarização, seu sexo, assim como a idade que possui.

Assim sendo, a Dialetologia busca “ [...] identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica” (CARDOSO, 2010, p.15 *apud* PAIM, 2019, p.40). Ou seja, a Dialetologia é a ciência que se ocupa em estudar as variações linguísticas. Paim (2019, p.39) a define como “[...] a parte da linguística que analisa a língua na oralidade, prioritariamente do ponto de vista geográfico”. Além disso, ela

[...] registra fenômenos linguístico, mapeando-os linguisticamente e reunindo-os em forma de atlas. E, assim, a pesquisa dialetológica registra as formas alternantes de se dizer o mesmo de uma comunidade, podendo revelar como os aspectos externos à língua influenciam os falares locais”. (PAIM, 2019 p.40)

Entretanto, na ocasião do surgimento da Sociolinguística durante a metade do século XX, os estudos dialetológicos agregam à sua metodologia a percepção dos fatores sociais.

Dos aspectos citados, o último deles, a variação de acordo com a idade, denomina-se variação diageriacional. É nesse conceito que se baseia essa pesquisa. De acordo com Paim (2019, p.12), “cada indivíduo está desde a

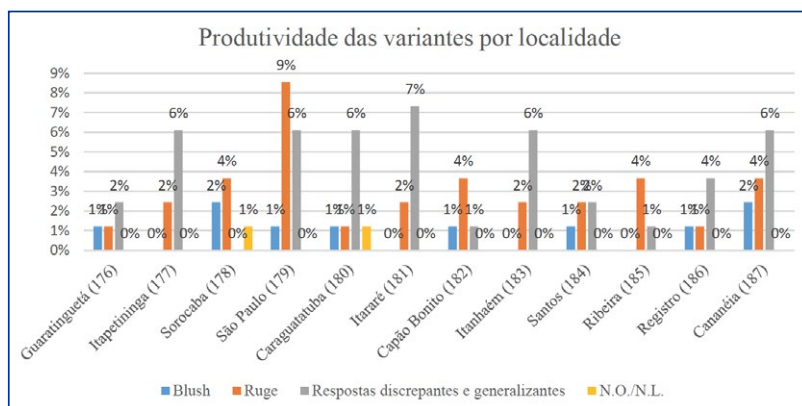
concepção, envelhecendo e vivendo, vivendo e envelhecendo, nunca sendo os mesmos, porque viver é um processo de transformação do ser humano como único em seu tempo vivido”. Em outros termos, a mudança é um processo natural do ser humano. O mesmo ocorre com o vocabulário. Os mais jovens, assim como os mais velhos, possuem marcadores de sua fala. Um nome utilizado no tempo dos avós, pode ser, ou não, comum no falar de seus netos.

Cada geração possui, portanto, peculiaridades em seu falar, decorrente de suas culturas e suas vivências. Em sua obra, por exemplo, Paim (2019, p.25) aponta um aspecto importante que pode ser detectado com maior frequência na fala dos idosos, a comparação entre o ontem e o hoje: “a rememoração do passado faz parte da própria organização dos idosos e é feita por meio de vários tipos de informação, inclusive o de lembrar do passado para valorizar o presente”.

Após essas reflexões, será possível observar, através dos dados quantitativos em consonância com os qualitativos, como se nomeava, bem como se nomeia hoje, aquilo que as mulheres passam na bochecha. Será que o referente utilizado no passado permanece o mesmo?

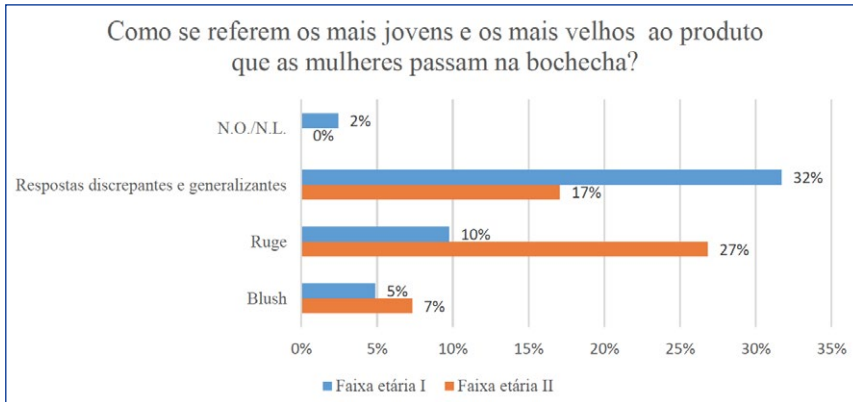
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio de uma análise quantitativa, é possível fazer comparação de resultados obtidos entre grupos sociais distintos nas localidades de Guaratinguetá, Itapetininga, Sorocaba, São Paulo, Caraguatatuba, Itararé, Capão Bonito, Itanhaém, Santos, Ribeira, Registro e Cananéia. Assim sendo, pensando na variação diageracional, é possível, através dos números, perceber, por exemplo, a variante que aparece mais no falar dos mais velhos, assim como dos mais jovens, aquela que ganha mais destaque na fala de um ou outro, ou que não se concretiza em determinado vocabulário.



Fonte: dados do ALiB/ elaboração própria

Ao observar o gráfico exposto, pode-se ver que a variante mais produtiva foi *ruge*, com nove por cento de protudividade na capital, São Paulo. Em segundo lugar, encontram-se as respostas discrepantes e generalizantes como *pó*, *maquiagem*, *creme*, entre outros, com maior ocorrência na localidade de Itararé, com um percentual de sete por cento. Em terceiro lugar, como variante menos produtiva, identificou-se a variante *blush*. Vale salientar que só existiram duas respostas não obtidas ou as quais o informante não lembrou da resposta.



Fonte: dados do ALiB/ elaboração própria

No gráfico apresentado, é notável a maior ocorrência de respostas que fogem do contexto na fala dos informantes da faixa etária I. O item lexical *ruge*, por sua vez, teve maior frequência na fala dos informantes da faixa etária II, podendo ser classificada como uma variante mais antiga, ao passo que *blush*, foi menos aparente nas respostas dos mesmos.

Nos dicionários encontramos as seguintes definições para *blush* e *ruge*:

Blush	Michaelis (2022)	“Cosmético em pó ou creme, usado pelas mulheres para corar o rosto.”
	Aulete (2022)	“Cosmético em pó ou creme, us. para dar cor mais viva às maçãs do rosto.”

Fonte: Elaboração própria

Ruge	Michaelis (2022)	“Cosmético cuja cor varia entre o rosa e o vermelho, usado pelas mulheres para colorir as maçãs do rosto.”
	Aulete (2022)	“Cosmético em pó, avermelhado, que se aplica no rosto para deixá-lo corado.”

Fonte: Elaboração própria.

Ao estudar esses significados percebe-se que são complementares. Nas definições de *blush*, tanto em Aulete (2022) quanto em Michaelis (2022), temos uma descrição da textura do cosmético, que pode ser em pó ou em creme, não atentando para a cor. Nas definições para *ruge*, Michaelis (2022) não ressalta a textura, mas destaca as cores que podem variar entre rosa e vermelho. No entanto, na definição de *ruge* de Aulete (2022) limita-se apenas à noção do pó vermelho. Vale salientar que apenas as definições encontradas em Michaelis apontam o público ao qual o produto é destinado. Nesse sentido, é possível interligar essas informações formando um conceito mais completo e detalhado:

Um cosmético em pó ou creme, cuja cor varia entre rosa e vermelho, usado pelas mulheres para colorir as maçãs do rosto

Fonte: Elaboração própria

Paim (2019, p.25) afirma que “essa temática da identidade social de faixa etária, também, já pode ser investigada nas entrevistas pertencentes ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB.” Desse modo, com o propósito de aprimorar as análises, serão apresentados alguns trechos de inquéritos, provenientes dos dados do referido projeto, com o intuito de verificar a aplicação dos termos localizados dentro de um contexto de fala.

(1)

INQ. – Aquilo que as mulheres passam, assim, no rosto, na bochecha, para ficar rosadinha? INF. – **Blush**.

INQ. – E os mais antigos chamavam...

INF. – Ruge (risos), “vamo passar **ruge** pra sair. (risos)

Informante 178-2 (Sorocaba, mulher, faixa etária I, nível fundamental)

É possível destacar duas variantes distintas no trecho, o *blush*, mais utilizado hoje em dia, e o *ruge*, utilizado antigamente, encontrando, assim, uma

variante diageracional, ou seja, o dialeto que sofre transformações com o tempo, e são diferentes em cada idade.

(2)

INQ – E aquilo que as mulheres passam no rosto, na bochecha, pra ficar rosadinho.

INF. – Ah, eu **usava pó de arroz, ruge, é base**, só, **blush**, ah, não, **blush** já é de **agora**, né.

Informante 180-4 (Caraguatatuba, mulher, faixa etária II, ensino fundamental)

Em sua resposta, a informante faz uma comparação entre os tempos passado e presente, marcados respectivamente pelo verbo “usava” e o advérbio de tempo “agora”, nos quais *ruge* era utilizado antigamente, enquanto *blush* se fala hoje. De acordo com Paim (2019, p.25):

Essa característica de lembrar do passado não está ausente da linguagem dos falantes das outras faixas etárias, pois todos têm um passado a que se referir, mas ganha uma projeção muito especial nas falas de informantes mais velhos que relatam o passado e o projetam a todo momento em seu presente, o que é uma grande marca da identidade social de terceira faixa etária.

Dessa maneira, essa afirmação justifica a construção realizada pela informante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante esse trajeto, foi possível compreender que a divulgação de pesquisas de variação linguística diageracional é fundamental para promover a inclusão, assim como eliminar o preconceito linguístico, fazendo com que os jovens possam, por exemplo, valorizar os mais velhos.

Foram identificadas, nas respostas dos informantes, respostas discrepantes e generalizantes como *creme, pó, pó de arroz*, entre outros. Além dessas variantes, encontraram-se *ruge e blush*, sendo a primeira relacionada pelos entrevistados como uma palavra mais antiga, ao passo que *blush* como a forma mais utilizada atualmente. Essa análise mostra que a língua sofre alterações no decorrer do tempo.

Ademais, os significados atribuídos pelos dicionários se complementam e estão alinhados com o que é proposto no Questionário do ALiB. Juntos eles

trazem informações como textura, cor do produto, como se utiliza, e especificam o público-alvo do cosmético que, por sua vez, é mais utilizado pelas mulheres.

REFERÊNCIAS

AULETE, Caldas. **Blush**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2022. Disponível em: <https://aulete.com.br/Blush>. Acesso em: 22 nov. 2022

AULETE, Caldas. **Ruge**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2022. Disponível em: <https://aulete.com.br/Ruge>. Acesso em: 22 nov. 2022

COMITÊ NACIONAL. **Atlas linguístico do Brasil**. Questionários. Londrina: Eduel, 2001.

MICHAELIS. **Blush**. São Paulo: Melhoramentos, 2022. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/blush/>. Acesso em: 22 nov. 2022.

MICHAELIS. **Ruge**. São Paulo: Melhoramentos, 2022. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ruge/>. Acesso em: 22 nov. 2022.

PAIM, Marcela Moura Torres. A relação entre linguagem e identidade social. In: PAIM, Marcela Moura Torres. **Tudo é diverso no universo**. Salvador: Quarteto, 2019. Cap. 1. p. 11-28.

PAIM, Marcela Moura Torres. O que é variação linguística?. In: PAIM, Marcela Moura Torres. **Tudo é diverso no universo**. Salvador: Quarteto, 2019. Cap. 2. p. 29-61.